

Amazonas pode abrigar maior bloco de floresta protegida

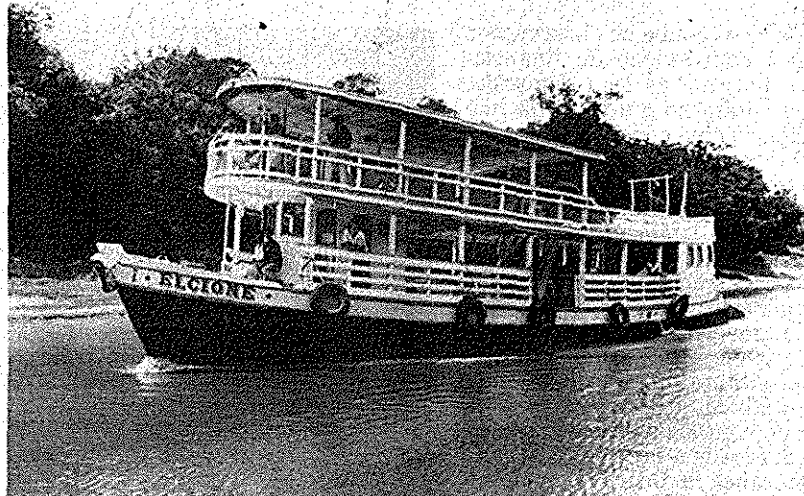
O projeto, debatido no Hotel de Selva Aripauá Tower, envolve recursos de US\$ 46 milhões

Paulo Roberto Pereira

Criar o maior bloco de floresta tropical protegida e manejada do planeta. Com essa idéia na cabeça, cerca de 50 participantes do Workshop sobre Corredores Ecológicos deixaram, ontem, o Aripauá Tower Hotel, no município de Iranduba, depois de três dias de debates técnicos sobre o tema. Discussões que concluíram, ainda, que o Programa Parques e Reservas, que envolverá cerca de US\$ 46 milhões do G-7 (Grupo dos Sete Países mais ricos do Mundo), ainda vai precisar de pelo menos um ano de negociações para ser efetivamente colocado em prática.

A criação de sete corredores culturais - área de preservação da biodiversidade - é um projeto grandioso. Tanto que, segundo Márcio Ayres, coordenador-geral do PP/G-7, acredita que o maior desafio definido durante a realização do workshop foi exatamente encontrar uma fórmula de remanejar os recursos renováveis e integrar as populações locais à realidade do projeto. "Além disso, temos que definir como faremos para preservar na prática os corredores culturais e, ao mesmo tempo, descentralizar os poderes", afirma o coordenador.

Diante desse quadro, existe até a possibilidade de ser sugerida a criação de uma fundação para cuidar especificamente dos corredores ecológicos. "Esse ponto foi amplamente discutido, mas não se chegou a qual-



O Amazonas pode ser um dos primeiros a ter corredores ecológicos

quer conclusão. Voltaremos ao assunto no próximo workshop, que começará dia 20, em Porto Seguro, na Bahia", explica Ayres.

O workshop de Porto Seguro, no entanto, tratará basicamente da preservação da biodiversidade na mata atlântica, pouso se falando sobre as florestas tropicais. "Alguns temas gerais discutidos aqui, no entanto, serão de grande valia para o adiantamento dos trabalhos. É claro que a mata atlântica, por estar muito mais

degradada, vai exigir mais trabalho dos debatedores", completa.

O comportamento da comunidade indígena dentro do corredor cultural também foi debatido no workshop. Os representantes da Funai se mostraram acessíveis e dispostos a interceder junto aos índios em defesa do projeto. Só que esse assunto ainda dependerá de novas discussões. "Envolve outras pessoas, com cultura diferentes. Não podemos decidir por elas", esclarece Márcio Ayres.

Autoridades faltam e técnicos reclamam

A ausência de autoridades regionais foi a principal reclamação dos participantes do workshop encerrado, ontem, no Aripauá Tower. Terminado os debates, os palestrantes relacionaram os itens que consideram deficientes no evento, destacando a pouca atenção dos poderes da região amazônica ao projeto. "Todos foram convidados, mas alegaram não poder comparecer por causa de outros compromissos. Mas mandaram representantes", justifica Márcio Ayres.

Os palestrantes reclamaram, ainda, do calor e do comportamento dos macacos. No Aripauá, eles são mantidos soltos e com total liberdade, da qual aproveitam para invadir quartos e plenários. Quanto ao calor, Ayres explicou que ele faz parte do projeto. "Não poderíamos discutir problemas da Amazônia sem sentir o clima local. E o calor faz parte desse clima. Com os macacos acontece o mesmo. Eles são parte do sistema", completa.

Outra reclamação dos palestrantes foi com a falta de estrutura para trabalhar no Aripauá Hotel. Mesmo elogiado como local de lazer e por sua beleza natural, o hotel deixou a desejar em termos logísticos. A máquina de xerox, por exemplo, não estava funcionando devidamente, o que dificultou a distribuição de alguns relatórios. "Enfrentamos realmente alguns problemas de energia", admite Márcio Ayres.

Apesar das reclamações, os debatedores aproveitaram bem as últimas horas no Aripauá. Boa parte deles foi para a praia do rio Negro, uma das atrações do local na vazante. E quase todos pegaram o barco de volta comentando que há muito tempo não comiam tanto e nem tão bem quantos nos três dias de trabalho no meio da floresta amazônica.

Banco Mundial garante US\$ 27 milhões

O projeto de criação dos corredores culturais ainda está em fase de implantação, mas já tem US\$ 27 milhões garantidos para a sua realização. Esse dinheiro, inclusive, deve começar a chegar ao Brasil no meio do próximo ano. Quem afirma é o coordenador do PP/G-7 para o Banco Mundial, Robert Schneider, um dos participantes do workshop encerrado ontem no Aripauá.

Segundo ele, o projeto está praticamente aprovado pelo Banco Mundial, faltando apenas alguns detalhes para a aprovação total. Quando isso

acontecer, a verba destinada ao programa aumentará para US\$ 46 milhões, a ser utilizada durante três anos. Os participantes do workshop, inclusive, concluíram que esse tempo é muito curto para a conclusão do projeto. "Não haverá como terminar o trabalho nesse prazo. Vamos tentar aumentá-lo", diz Robert Schneider.

O representante do Banco Mundial acredita que o projeto perderá pelo menos o primeiro ano em negociações com as populações locais. "Não podemos chegar lá com o dinheiro e dizer para eles como deverão se com-

portar dali em diante. É preciso um trabalho de conscientização, utilizado pessoas capacitadas para esse fim", completa.

Para colocar o projeto em prática, o PP/G-7 pensa em aproveitar estudantes das universidades do Amazonas. Eles receberiam recursos para concluir teses e fazer pesquisas em defesa da biodiversidade dos corredores culturais. "Não chegaria a ser uma bolsa de estudo. Seria uma ajuda em troca de informações que serão importantes para o projeto", acrescenta Schneider.

Márcio Silva